

“DEIXA QUE O OLHAR DO MUNDO...” DESVENDE SUAS FIGURAS: BREVE ANÁLISE SEMÂNTICA DO POEMA

Benedito Junior Lima de SOUZA (G-UFPA)
Sandra Maria JOB (UFPA)

Resumo

Este trabalho tem como objetivo fazer uma breve análise semântica e estrutural dos elementos presentes no texto poético “Deixa que o olhar do mundo...”, de autoria de Olavo Bilac. Visa, em especial, buscar compreender o possível tipo de amor presente no poema, isto é, se é um amor homossexual, heterossexual ou talvez um amor impossível de se realizar devido ao julgamento repressor de uma sociedade estigmatizada. Para isso, abordaremos as muitas possibilidades de interpretação do presente poema sob a ótica do Parnasianismo difundido no Brasil. Para atingir o objetivo trabalharemos sob a análise de cunho bibliográfico de autores como José Aderaldo Castello (1997), Afrânio Coutinho (1997) e José Luiz Fiorin (2014).

Palavras-chave: Parnasianismo. Amor homossexual. Análise semântica.

Introdução

Este trabalho tem como objetivo fazer uma breve análise semântica e estrutural dos elementos presentes no texto poético “Deixa que o olhar do mundo...”, de autoria de Olavo Bilac. Visa, em especial, buscar compreender o possível tipo de amor presente no poema, isto é, se é um amor homossexual, heterossexual ou talvez um amor impossível de se realizar devido ao julgamento repressor de uma sociedade estigmatizada. Para isso, abordaremos as muitas possibilidades de interpretação do presente poema sob a ótica do Parnasianismo difundido no Brasil.

Para atingir o objetivo trabalharemos sob a análise de cunho bibliográfico de autores como José Aderaldo Castello (1997), Afrânio Coutinho (1997) e José Luiz Fiorin (2014).

“Deixa que o olhar do mundo...”

Como já comentado, a partir de uma análise de cunho bibliográfico, este artigo tem como objetivo fazer uma breve análise semântica e estrutural do texto poético “Deixa que o olhar do mundo...”, de Olavo Bilac. Visa, em especial, averiguar e comprovar o possível tipo de amor presente no poema, isto é, se é um amor heterossexual ou homossexual ou talvez um amor impossível de se realizar devido ao julgamento repressor de uma sociedade estigmatizada.

Em relação ao poema, o mesmo segue abaixo:



Dei/xa/ que o o/lhar /do /mun/do en/fim /de/ <u>vas/se</u>	A
Teu/ gran/de a/mor/ que/ é /teu/ maior/ se/ <u>gre/do!</u>	B
Que/ te/ri/as/ per/di/do/, se/, mais/ <u>ce/do</u> ,	B
To/do o a/fe/to/ que/ sen/tes/, se/ mos/ <u>tras/se?</u>	A
Bas/ta/ de en/ga/nos!/ Mos/tra/-me /sem/ <u>me/do</u>	B
Aos/ ho/mens/, a/fron/tan/do-os/ fa/ce a/ <u>fa/ce</u> :	A
Que/ro/ que os/ ho/mens/ to/dos/, quan/do eu/ <u>pas/se</u> ,	A
In/ve/jo/sos/, a/pon/tem-me/ com/ o/ <u>de/do</u> .	B
O/lha/: não/ pos/so/ mais!/ An/do/ tão/ <u>chei/o</u>	C
Des/se a/mor/, que/ mi/nh'al/ma/ se/ con/ <u>so/me</u>	D
De/ te e/xal/tar/ aos/ o/lhos/ do u/ni/ <u>ver/so</u> .	E
Ou/ço em/ tu/do/ teu/ no/me, em/ to/do o/ <u>lei/o</u> :	C
E/, fa/ti/ga/do/ de/ ca/lar/ teu/ <u>no/me</u> ,	D
Qua/se o/ re/ve/lo/ no/ fi/nal/ de um/ <u>ver/so</u> .	E

O poema “Deixa que o olhar do mundo” de Olavo Bilac faz parte da obra *Poesias*, do ano 1888. O poema é classificado como soneto, visto que é composto por 14 versos, distribuídos em quatro estrofes, sendo dois quartetos e dois tercetos. Nele, um eu-lírico “[...] cheio desse amor, que minh’alma se consome” tenta convencer o ser amado a tornar público o amor que ele/a sente pelo eu-lírico. Para melhor desvendar as angústias desse eu-lírico, nesse trabalho a análise verificará, primeiramente, a estrutura e posteriormente uma análise semântica.

Neste contexto, no que se refere à estrutura, tem-se aqui um soneto petrarquiano (dois quartetos e dois tercetos) decassílabo, conforme pode ser observado na escansão acima.

Quanto ao esquema de rimas, ele apresenta a seguinte composição. No primeiro quarteto as rimas combinando na sequência ABBA; no segundo quarteto as rimas combinando na sequência BAAB – ou seja, rimas interpoladas. Já no primeiro terceto as rimas combinando na sequência CDE, e no segundo terceto as rimas combinando na sequência CDE.

Tanto rigor formal (métrica, rimas) está intrinsecamente relacionado ao período literário do poeta: o Parnasianismo. Com relação a este, vale relembrar que ele tem seu marco inicial, no Brasil, com a publicação de *Fanfarras*, de Teófilo Dias, em 1882. Além de Olavo Bilac, os poetas Alberto de Oliveira e Raimundo Correia compunham a conhecida tríade parnasiana.

Vale ressaltar que o Parnasianismo foi o movimento correspondente poesia ao Realismo-Naturalismo e que se manifestou apenas em dois países no mundo todo, primeiramente na França e posteriormente no Brasil, segundo Coutinho,

Surgiu na França para designar os poetas que se reuniram na publicação das antologias de poesia chamadas *Le Parnasse Contemporain*, lançada em três fases, em 1866, em 1871 e em 1876. Os poetas mais famosos da escola foram: Gautier,



Baudelaire, Leconte de Lisle e Banville. O nome de Parnasse (em português Parnaso, Parnasiano, Parnesianismo) vem de Parnassus, monte de Fócida, na Grécia, onde, segundo a lenda, residiam os poetas. Por extensão é uma espécie de morada simbólica dos poetas, e designa também o conjunto de poetas de uma nação. Inspirado na estética “arte pela arte” de Gautier, reflete o Parnesianismo o mesmo movimento pendular que fez seguir uma corrente objetivista e classicizante ao objetivismo romântico. Também ele se subordinou ao ideal científico da objetividade e mesmo ao positivismo filosófico. Patrocina a pintura de incidentes históricos e fenômenos naturais, em versos impassíveis e perfeitos, com forma rigorosa e clássica, com motivos também clássicos. A poesia é descritiva, com exatidão e economia de imagens e metáforas. (COUTINHO, 1997, p. 13)

Ainda em relação à estética parnasiana, originada na França, de acordo com Coutinho, (1997 p. 13), havia uma valorização da perfeição formal, o rigor das regras clássicas na criação dos poemas, a preferência pelas formas fixas (sonetos), a apreciação da rima e métrica, a descrição minuciosa, a sensualidade, a mitologia greco-romana. Além disso, a doutrina da “arte pela arte” esteve presente nos poemas parnasianos, algo tipicamente da cultura grega pelo culto à beleza, isto é, a alienação e descompromisso quanto à realidade. Em outras palavras, o poeta parnasiano se preocupava antes em fazer uma arte perfeita. Segundo Castello (1997), o poeta compara seu trabalho ao do ourives, que grava com paciência imagens no ouro. Da mesma forma o escritor cria seus poemas; atentando para a versificação e as rimas. Para isso, abria mão do conteúdo, do sentimentalismo para que a obra saísse milimetricamente perfeita quanto à estrutura e quanto à linguagem, isto é, o rigor formal prevalecia em detrimento de uma mensagem subjetiva.

Contudo, para Vilarinho, os parnasianos brasileiros não seguiram todos os acordos propostos pelos franceses, pois muitos poemas apresentam subjetividade e preferência por temas voltados à realidade brasileira, contrariando outra característica do parnasianismo francês: o universalismo. Nesse sentido, outra característica que o Parnesianismo brasileiro não seguiu à risca foi quanto à visão mais carnal do amor em relação à espiritual. Olavo Bilac, principalmente, enfatizou o amor sensual, entretanto, sem vulgarizá-lo.

No que diz respeito, em específico ao poeta Olavo Bilac, ele, de acordo com Coutinho (1997) é considerado o maior nome parnasiano brasileiro, tendo sido bastante influenciado pelos poetas franceses. Ainda de acordo com Coutinho (1997), suas poesias revelam uma grande emoção, nada típica dos parnasianos, um certo erotismo e influência marcante da poesia portuguesa dos séculos XVI e XVII. Para Castello (1997), a correção da linguagem, o rigor da forma e a espontaneidade são principais características de seus versos.

Ainda sobre Bilac, entre outros gêneros literários. Também é o autor do “Hino da Bandeira Nacional”, e patrono do serviço militar brasileiro e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, na cadeira 15, cujo patrono é Gonçalves Dias.



Quanto ao soneto acima transcrito, como já comentado, tem traços típicos da estética parnasiana e, em relação à semântica, de forma mais didática, temos, na 1^a estrofe, um eu-lírico tentando seduzir o/a amado/a a fazer algo: “**Deixa** que o olhar do mundo enfim devasse / teu grande amor que é teu maior segredo”. Pode ser entendida como uma sedução devido ao verbo deixar não estar no imperativo, ou seja, o eu-lírico não está ordenando algo. E como é sabido, semanticamente e na prática cotidiana, quando não usamos o imperativo tentamos, de alguma forma, não intimidar nosso interlocutor e “meio que de manso” convencê-lo a fazer algo (quando pedimos algo) que queremos de forma natural, sem exaltações. É o jeitinho suave/doce que o brasileiro usa quando quer solicitar algo a alguém. E o poeta, óbvio, conhece esse recurso linguístico. E o que o eu-lírico quer é que o/a companheira/o deixe que o “olhar do mundo” tome conhecimento do que ele (eu-lírico) considera ser o maior segredo do/a amado/a: o “grande amor” que ele/a lhe tem. E, segundo o eu-lírico, se o mundo tomasse conhecimento desse fato, não haveria prejuízo para nenhum dos dois.

Contudo, a delicadeza do pedido determinado pelo verbo deixar, conjugado no presente do indicativo, “deixa”, não ameniza a grandeza e/ou desespero do desejo do eu-lírico, expresso pela hipérbole¹ “olhar do mundo”, que também abriga uma metáfora² que se refere aos homens, explicitamente dito mais abaixo no poema.

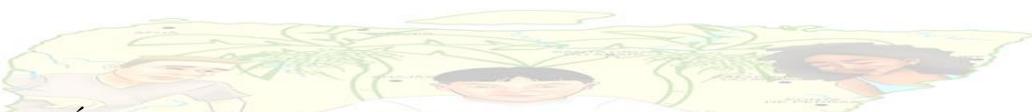
Como o grande dilema do eu-lírico é manter tal amor em segredo, ele segue, na 2^a estrofe, tentando dissuadir o/a parceira da ideia de manter tal romance em segredo. Contudo, nesta segunda estrofe, já no primeiro verso, o eu-lírico se revela mais ‘enérgico’: “Basta de enganos”. Como se a sua paciência, implícita no verbo “deixa” da primeira estrofe, tivesse chegado ao limite. E ordena ao/a amado/a que pare de enganar o mundo. E que o mostre, revele ao mundo. Ou seja, o eu-lírico quer que o/a amado/a o/a assuma perante a sociedade e “sem medo”.

Neste ponto, pode-se depreender que o eu-lírico *pode* ser um homem, pois ele diz: “quero que os **homens todos**, quando eu passe, / **Invejosos**, apontem-me com o dedo”. Ou seja, nesta interpretação o eu-lírico masculino supostamente tem um romance com uma mulher que, não se sabe o porquê, quer manter o romance em segredo. Tudo, de fato, remete a um eu-lírico masculino, ainda por que os versos “quero que os **homens todos**, quando eu passe, / **Invejosos**, apontem-me com o dedo” não nos deixam fugir quando a esta possibilidade. Mas, contudo, a pessoa a quem se dirige o eu-lírico-masculino *pode* ser um homem. E aí teríamos um romance homossexual implícito nas entrelinhas do discurso e que justificaria, sim, para a sociedade da época, o segredo que mantêm

¹ Segundo José Luiz Fiorin (2014, p. 75), hipérbole é o tropo em que há um aumento da intensidade semântica.

² Segundo José Luiz Fiorin (2014, p. 34), metáfora é uma concentração semântica. No eixo da extensão ela despreza uma série de traços e leva em conta apenas alguns traços comuns a dois significados que coexistem.

SOUZA, Benedito Junior Lima de; JOB, Sandra M. “Deixa que o olhar do mundo...” desvende suas figuras: breve análise semântica do poema. In: IV ANAIS do Colóquio de Letras, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, 1, 2 e 3 de fev. de 2018. ISSN: 2358-1131



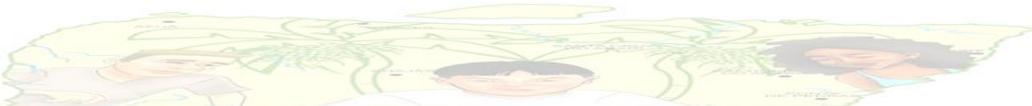
sobre esse amor. Época esta em que viveu o autor em meados do século XIX, período conturbado no cenário brasileiro, principalmente com a escravidão vigente no país.

Neste contexto, seguindo essa linha de interpretação, ainda na segunda estrofe, no verso seguinte, tem-se “Basta de enganos! Mostra-me **sem medo** / Aos homens, **afrontando-os face a face**.” elementos que *podem* sustentar a possibilidade de que o eu-lírico esteja se referindo a um amor entre dois homens. Um deles é a palavra “medo”, pois um relacionamento homossexual no século XIX poderia, com certeza, causar medo de que o mesmo se tornasse público. Além disso, os termos sintáticos ‘mostra-me aos homens *afrontando-os*’, indica que se o eu-lírico fosse apresentado como parceiro, a situação geraria um afrontamento. Segundo o dicionário online Priberam, afrontar, é um verbo transitivo direto que pode significar: “1. Fazer afronta a. 2. Amesquinar. 3. **Envergonhar**. 4. **Enrubescer**.³ (grifos nossos). Sendo assim, quando o eu-lírico-masculino diz ao amado (aqui já considerando que fosse um outro homem) que “Basta de enganos!” e pede que seja mostrado aos homens “sem medo” por parte do amado, ele (eu-lírico-masculino) pede convicto e querendo mais que afrontar, que os homens se sentissem envergonhados, aqui no sentido de constrangido, que é o que o amor entre aqueles, os ‘não normais’, costumam causar nos ‘normais’.

Partindo do pressuposto que o sentimento narrado no poema seja entre dois homens, não estamos, por um lado, desconsiderando a possibilidade de que possa ser um amor heterossexual e que, neste caso, a amada seja, por exemplo, casada e, por isso, o segredo em relação a esse amor. Assim como um amor homossexual geraria receio em quem o vivesse, um amor extraconjugal também seria condenado pela sociedade da época – aqui meramente ilustrado pelos meados do século XIX - e, por isso, também poderia causar medo de revela-lo. Mas, por outro lado, considerando que seja um amor homossexual, o que depreender do último verso dessa segunda estrofe? “Quero que os homens todos, quando eu passe, / **Invejosos**, apontem-me o dedo”, mais especificamente o que entender do termo invejosos. Ora, se fosse uma mulher e bonita, fácil de concluir devido à beleza da mulher, fato que, mesmo se casada, outros homens invejassem o eu-lírico-masculino. E se fora o amado um homem, isto é, um amor homossexual? Muito possivelmente, o eu-lírico-masculino cita a questão da inveja, nesta perspectiva de interpretação, porque, aos olhos dele, existem muitos outros homens (mais do que o imaginável)... que gostariam de viver um amor homossexual. Sim, por que não? Outra possível forma de interpretação e extremamente válida é a possibilidade do eu-lírico ser uma mulher negra – uma escrava - que vive um romance secreto com seu dono, o que era muito comum para a época, os donos dos escravos

³ In Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013. Disponível em: <https://www.priberam.pt/dlpo/afrontar>. Consultado em 30-11-2017.

SOUZA, Benedito Junior Lima de; JOB, Sandra M. “Deixa que o olhar do mundo...” desvende suas figuras: breve análise semântica do poema. In: IV ANAIS do Colóquio de Letras, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, 1, 2 e 3 de fev. de 2018. ISSN: 2358-1131



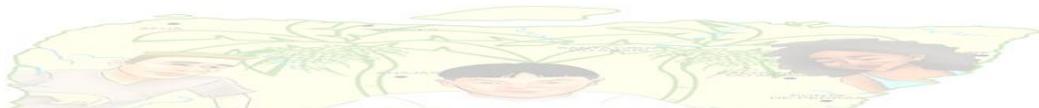
abusavam bastante do trabalho dos homens e do corpo das mulheres, e nesse contexto a escrava estaria apaixonada pelo seu proprietário, porém, este não poderia lhe assumir publicamente e tê-la como mulher, pela própria imposição e julgamento da sociedade brasileira. Essa é uma possibilidade válida de interpretação, pois numa visão excêntrica do próprio Bilac, a sociedade brasileira foi e continua sendo carregada de preconceitos e discriminação, e ele nas suas obras sempre quis expor forma implícita várias situações absurdas de cunho político ou social e essa era sua característica, tratar de temas voltados à realidade, além do mais o próprio Bilac era um abolicionista declarado.

Seja lá um homem ou uma mulher o interlocutor desse eu-lírico-masculino, o fato é que, nos dois últimos tercetos é possível ter uma noção de quem seria esse alguém. De acordo com o verso “De te exaltar aos olhos do universo”, o amor do eu-lírico-masculino é alguém a quem ele exalta, fala bem a muita gente, isto é, é alguém que tem qualidades notáveis e, por isso, o eu-lírico-masculino faz questão de propagar. Olhando por esse ponto de vista, a pessoa amada seria na verdade uma mulher. Além disso, é alguém que é muito comentado também, pois o eu-lírico-masculino ouve “em tudo teu nome, em todo o leio”. Ou seja, se lê em todo lugar, é alguém famoso e/ou da alta sociedade e talvez o eu-lírico seja um homem de classe social inferior e viver seu romance nesse contexto seja algo praticamente impossível de se viver, coisa que a própria sociedade da época pode reprimir olhar com indiferença aos sentimentos do eu-lírico. Mas a quem pelo nome não pode chamar, mas ops! “Quase o revelo no final de um verso”. Mas como não o revelou, a nós couberam às conjecturas acima que podem muito bem ser ou não o amor cantado pelo eu-lírico. Amor que se não for o aqui expresso, não será menor dada a grande beleza do poema em si.

Numa outra visão, nota-se que o eu-lírico pressiona a pessoa amada a tornar público o amor entre ambos, ou seja, para se chegar a esse ponto fica evidente que esse romance já tem certo tempo de duração, e este está decidido de fazer essa ação, porém, a pessoa amada é quem aparentemente oferece resistência, talvez temor, preocupação com as opiniões alheias.

Conclusão

Existem, como é sabido, inúmeras possibilidades de interpretação de um mesmo poema. Prova disso foi a possibilidade de interpretação acima. Em relação à possibilidade proposta aqui, a mesma, se plausível, demonstra, por um lado, o quão brilhante foi o poeta em abordar, no poema, um amor homossexual que, para o período, se colocado no texto de forma explícita, seria motivo para muitas atitudes preconceituosas e agressivas. Por outro lado, enriquece a leitura de um poema cuja recepção, hoje, ganha, além do contínuo apreço, uma leitura que vem ao encontro do momento SOUZA, Benedito Junior Lima de; JOB, Sandra M. “Deixa que o olhar do mundo...” desvende suas figuras: breve análise semântica do poema. In: IV ANAIS do Colóquio de Letras, Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Marajó – Breves, 1, 2 e 3 de fev. de 2018. ISSN: 2358-1131



atual no qual, felizmente, existe uma liberdade para não apenas cantar os vários tipos de amor possíveis, assim como enaltecer e, principalmente, respeitá-los

REFERÊNCIAS

CASTELLO, José Aderaldo. **Presença da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

COUTINHO, Afrânio dos Santos. **A literatura no Brasil**. São Paulo: Global Editora e Distribuidora Ltda., 1997.

FIORIN, José Luiz. **Figuras de retórica**. São Paulo: Contexto, 2014.

VILARINHO, Sabrina. "Parnasianismo no Brasil". In: **Brasil Escola**. Disponível em <<http://brasilescola.uol.com.br/literatura/parnasianismo-no-brasil.htm>>. Acesso em 10 de dezembro de 2017.